

Resultado da análise dos recursos na etapa de avaliação de projetos - Mestrado 2024

Inscrição: 20278

O projeto faz afirmações infundadas e é teleológico. O proponente afirma categoricamente que, a “partir da década de 1980, o surgimento de facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas e de grupos milicianos na zona oeste do Estado mobilizam[sic] uma discussão que se estende até os dias atuais”. A ascensão de facções criminosas não ocorreu na zona oeste do Estado no período mencionado. Igualmente, “grupos milicianos” não é um termo dos anos 1980. Ou seja, o proponente, anacronicamente, salienta continuidade entre ações criminosas dos anos 1980 com as atuais. Despreza, igualmente, as diferenças, a exemplo da inserção das atuais milícias nos círculos de poder institucionais, inclusive por via eleitoral, e de suas estratégias econômicas, mormente no que tange à lavagem de dinheiro. Não foi apresentado um debate historiográfico para analisar o tema da pesquisa. Não há quadro teórico-metodológico ou fontes que demonstrem a viabilidade da pesquisa para o período do mestrado. Há erro de concordância, entre outros presentes no texto, e erro factual que dificultam a compreensão de alguns trechos e não conferem veracidade a afirmações apresentadas.

Inscrição 20284

O projeto faz afirmações infundadas, sem base conceitual e empírica e está mal escrito. No que tange à redação, há muitos erros de pontuação e concordância, a exemplo, entre outros, dos seguintes trechos: 1) “A noção que cerca as religiões de matrizes africanas, ainda é (...)”; 2) “Se tratando da Umbanda, sua afirmação e legitimidade na sociedade brasileira está (...)”. No mais, Umbanda nada tem de “religião negra”, exclusivamente. Adeptos desta religião não racializam o sagrado. Logo, não cabe afirmar que “Umbanda, mesmo sendo uma religião negra foi forçada a se adaptar aos padrões da branquitude”. Por fim, o autor não define o que é “religião negra”, “branquitude”, “homem branco”, “população negra”, “branqueamento da religião”, conforme os padrões da época que o projeto se propôs a analisar. Trata-se de conceitos e adjetivações que deveriam ser rigorosamente definidos em um projeto de pesquisa. Por fim, há erros factuais, a exemplo da seguinte afirmação do proponente: “A branquitude age nas relações de poder através das violências sociais. Pensando no contexto estadonovista, a repressão imposta a qualquer pensamento contrário ao governo, caminhou pelo conceito de branquitude”. Não há evidência, por exemplo, de que a perseguição aos comunistas durante o Estado Novo tenha sido motivada pelo conceito de branquitude, inclusive a prisão de Olga Benário Prestes, em 1936. A participação de diferentes segmentos sociais em diferentes manifestações do sagrado sempre foi a tônica da sociedade brasileira. Nota-se ainda a ausência de descrição das fontes para a pesquisa, que demonstrem a viabilidade do projeto proposto.

Inscrição 20267

O projeto carece de rigor metodológico e é incoerente. O proponente afirma que os quadrinhos são uma “uma nova forma de representação da sociedade que une o cultural e o político, que, em uma análise historiográfica contemporânea, revela em suas páginas as representações culturais sobre diversos temas da sociedade”. O proponente situa seu objeto no âmbito da História Cultural. Para compreendê-la, “é importante que se entenda que ela surgiu como uma crítica a três movimentos historiográficos: a História Social marxista, a História tradicional das ideias e a tendência de História quantitativa e socioeconômica da Escola dos Annales”. Todavia, como afirma o proponente, a “metodologia utilizada neste presente projeto será o método de análise dialética das histórias em quadrinhos, apresentado por Nildo Viana. Segundo Viana, essa metodologia tem como base teórica o materialismo dialético, sendo ela trabalhada mais profundamente por Marx”. A partir daí, o proponente remete à semiótica. O proponente, portanto, rejeita o marxismo, mas incorpora seu método, e não há evidência de que Marx se valeu amplamente da semiótica. Por fim, os exemplos de representação com base nos quadrinhos do Capitão América e dos X-Man são meras ilações. Nota-se ainda a ausência de descrição das fontes para a pesquisa, que demonstrem a viabilidade do projeto proposto.

Inscrição 20258

O projeto contém afirmações infundadas, carece de base empírica, de rigor metodológico. Do mesmo modo, despreza parte substancial da produção historiográfica. Além disso, há erros de lógica e de forma de embasar a argumentação. Primeiramente, a proposta do projeto já foi contemplada por uma pesquisa de autoria do historiador Flávio Gomes para a região há mais de 20 anos. Em segundo lugar, o autor, sem qualquer debate, lida

com a ideia de quilombo como resistência, o que já foi revisto pela historiografia da escravidão há mais de 30 anos. Em terceiro lugar, há falta de atualização bibliográfica, uma vez que o proponente despreza a produção historiográfica sobre o recôncavo da Guanabara, inclusive dissertações e teses disponíveis on line, a exemplo dos trabalhos de Victor Oliveira, Ana Paula Rodrigues Machado, Moisés Peixoto Soares, Jerônimo Aguiar, entre outros. Por fim, há afirmações infundadas. Por exemplo, o proponente afirma o seguinte: “Neste projeto, a região do Recôncavo da Guanabara será comparada com as áreas às margens do Rio Zaire, localizado na região central do continente africano, este rio corta alguns países como o Congo e Angola e suas características ambientais se assemelham às características dos rios próximos ao Recôncavo, como o caso dos rios Inhomirim, Estrela, Iguassú e Sarapuí, sobretudo pela existência de extensos pântanos e vegetação densa. Essa comparação permitirá destacar as semelhanças entre esses ambientes e a investigar a possibilidade de os africanos escravizados transportarem consigo conhecimentos fluviais anteriores à diáspora. Buscamos compreender como os saberes adquiridos nas margens do rio Zaire poderiam ter influenciado nas práticas sociais e culturais na região Fluminense em análise”. O rio Zaire não tem semelhança com rios do recôncavo da Guanabara, pois era muito mais caudaloso e extenso. Os cativos que vieram para o Brasil até cerca das duas primeiras décadas do século XIX não necessariamente vieram de regiões próximas ao rio Zaire. Muitos vieram de regiões mais ao Sul, a partir dos portos de Luanda e de Benguela, frequentemente capturados no interior do continente africano, até cerca de 1.300 km para o interior. Eram outros os rios, como o Bengo, Kwanza, o Lukala, etc.

Inscrição 20079

O projeto apresenta inconsistência no debate historiográfico, teórico e metodológico. É apresentada uma série de citações de autores no texto, sem que haja a formulação de um debate historiográfico articulando essas afirmações e que demonstre o conhecimento básico sobre o tema de pesquisa proposto para o ingresso no curso. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, no seguinte parágrafo: **“Para o desenvolvimento da elite cafeeira foi necessário condições e, neste caso, as concessões de sesmarias foi fundamental (MUAZE, 2010, p. 303). Ainda, o desapossamento dos indígenas da região Puris e os Coroados, “sofreram um cerco em seu território”(LEMOS, 2004, p.9). A partir de 1830 à medida que o cafezal ampliava-se também era necessário mais de “braços escravos”. “Minha propriedade consiste em terras e escravos” (STEIN, 1961, p. 65). O plantation de café, sistema agrícola implantado pelos europeus em suas colônias, prosperou no Vale do Paraíba em dizimar os índios que ocupavam esse espaço, ou local, e, concomitantemente retirar a floresta cobertura natural e transformar em lavouras de café, tanto como em pequenas e médias propriedades, quanto em grandes fazendas. São, portanto, os motores do sistema o escravo, a política e o “poder” de mando exercido nas localidades, do mesmo modo em conexão com a corte imperial”**. O projeto também apresenta muitos erros gramaticais, dificultando bastante a compreensão do conteúdo. Não há clareza sobre a viabilidade da pesquisa com o projeto apresentado.